


## Narrativas de viagem: uma aproximação entre *Os sertões* (1902) e *Tristes trópicos* (1955)

Travel narratives: an approximation between *Os sertões* (1902) and *Tristes tropiques* (1955)



REIS, Juliana de Souza dos \*

 <https://orcid.org/0009-0004-2133-7275>

**RESUMO:** *Os sertões* (1902) e *Tristes trópicos* (1955) foram publicados na primeira metade do século XX. Recebidos pela crítica como objetos inclassificáveis, os livros foram responsáveis pela repercussão dos nomes de seus autores, respectivamente, o escritor brasileiro Euclides da Cunha e o antropólogo Claude Lévi-Strauss. O objetivo do presente artigo é o de delinear o encontro entre esses dois livros a partir do que Fernando Nicolazzi definiu como o “discurso sobre a ausência”. Nesse sentido, partimos do que Michel de Certeau definiu como “corte” geográfico para perceber como se opera tal discurso. Finalmente, apresentamos uma leitura dos livros a partir do texto de Walter Benjamin, *Experiência e pobreza* (1933).

**PALAVRAS-CHAVE:** Os sertões; Tristes trópicos; viagem; ausência.

**ABSTRACT:** *Os Sertões* (1902) and *Tristes Tropiques* (1955) were published in the first half of the 20th century. Received by critics as unclassifiable, the books brought recognition to their authors, respectively, the Brazilian writer Euclides da Cunha and the anthropologist Claude Lévi-Strauss. The purpose of this article is to examine the intersection between the two books based on what Fernando Nicolazzi defined as the “discourse on absence”. To this end, we draw on what Michel de Certeau defined as a geographical “cut” in order to understand how this discourse is articulated. Finally, we offer an interpretation of the books through Walter Benjamin’s essay, *Experience and Poverty* (1933).

**KEYWORDS:** Os sertões; Tristes tropiques; travel; absence.

Recebido em: 05/03/2024  
Aprovado em: 10/09/2024

---

\* Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ). E-mail: jureis@id.uff.br. O texto do presente artigo é proveniente da dissertação da autora. REIS, Juliana de Souza dos. *Contrastes da viagem e as visões do tempo em Os sertões e em Tristes trópicos*: diálogos entre história, literatura e etnografia. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de História, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2023.



*Quem volta da região assustadora  
De onde eu venho, revendo, inda na mente,  
Muitas cenas do drama comovente  
De guerra despiedada e aterradora.*

*[...] E quando, com fidalga gentileza  
Cedestes-me esta página, a nobreza  
De nossa alma iludiu-vos, não previstes*

*Que quem mais tarde, nesta folha lesse  
Perguntaria: “Que autor é esse  
De uns versos tão mal feitos e tão tristes?”*

(Cunha, 1897).

## **Introdução**

Considerando o elo entre viajar e narrar, a proposta do presente artigo é delinear o encontro entre dois grandes livros *de viagens* e *sobre viagens*: *Os sertões* (1902), do escritor brasileiro Euclides da Cunha, e *Tristes trópicos* (1955), do antropólogo Claude Lévi-Strauss. As obras são relatos de suas viagens, mas também apontam para um certo questionamento sobre a viagem como condição para o conhecimento. Sob a condição de estrangeiro — seja o antropólogo vindo de além-mar ou o engenheiro fluminense que se sente “fora do Brasil” (Cunha, 2013 [1902], 521) —, a viagem torna-se o eixo de organização das experiências, através do constante tensionamento entre a esperança e a desilusão.

Conforme Claude Lévi-Strauss declara, a viagem é mais do que um deslocamento espacial, sendo inscrita “simultaneamente no espaço, no tempo e na hierarquia social” (Lévi-Strauss, 1996, p. 91). Desse modo, o significado da viagem não é, e nem poderia ser, apenas científico: permeiam-se também a admiração, a melancolia e a necessidade de zelar pela própria sobrevivência (Murari, 2007).

Tanto em *Os sertões* quanto em *Tristes trópicos*, podemos perceber escritas inquietas, motivadas pelas tensões impostas por suas viagens e seus posteriores diagnósticos. A Euclides da Cunha, outrora republicano fervoroso, resta a conclusão amarga de que o projeto republicano não era assim tão glorioso; a Claude Lévi-Strauss impõe-se a dúvida acerca do objetivo e da eficácia do trabalho de campo antropológico.

Na primeira parte do artigo, serão estabelecidos os panoramas históricos que levaram os autores às suas viagens. Assim, tanto o “escritor por acidente” como o “etnólogo

por acidente”<sup>2</sup> foram perpassados por condições específicas em seus itinerários profissionais que coadunam em suas incursões pelo Brasil.

Na segunda parte, os personagens geográficos que tomam forma nos livros — isto é, os sertões e os trópicos — serão analisados a partir do “corte” geográfico, categoria discutida por Michel de Certeau (1982). Em seguida, iremos relacionar essa categoria com a discussão proposta por Fernando Nicolazzi (2008) sobre o que o autor definiu como “discurso sobre a ausência”. De que maneira podemos ler o “discurso sobre a ausência” em *Os sertões* e em *Tristes trópicos*?

Na terceira e última parte do artigo, as leituras estabelecidas serão aproximadas com a discussão proposta por Walter Benjamin em *Experiência e pobreza* (1933), pois acreditamos que, em *Os sertões* e em *Tristes trópicos*, o narrador que desponta, na maior parte do relato, está imerso no desafio em narrar algo inenarrável: Euclides da Cunha defronta-se com o poder devastador de uma guerra; Claude Lévi-Strauss defronta-se com a violência que as sociedades indígenas são alvo, de modo que a viagem não mais ocupa uma promessa de aventura.

### **As viagens de Euclides da Cunha e Claude Lévi-Strauss – breve panorama**

Embora os livros não necessitem de grandes apresentações, é válido fazer um pequeno resumo: *Os Sertões*, publicado em 1902 no Brasil, tem como cenário histórico a Guerra de Canudos (1896-1897), um conflito ocorrido em Belo Monte, na Bahia. O autor, Euclides da Cunha, viajou ao sertão baiano como correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo*, a convite de Júlio Mesquita, para cobrir a quarta e última expedição. A obra, ao abordar preocupações teóricas e políticas, debruça-se sobre temas que vão além da guerra, especialmente, os problemas relacionados à recém-fundada República e à nacionalidade brasileira.

*Tristes Trópicos*, publicado em 1955 na França, percorre diversos lugares: Lévi-Strauss nos transporta, em seu “tapete voador”, para a Índia, Calcutá, Lahore, Paris e também para seu exílio em Nova York, durante a II Guerra Mundial. No entanto, o palco privilegiado de

---

<sup>2</sup> É sob a alcunha de “escritor por acidente” que Euclides Cunha começa seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, em 1906. Claude Lévi-Strauss menciona em *Tristes trópicos* que sua carreira decidiu-se a partir de um telefonema de Célestin Bouglé, recebido em um “domingo do outono de 1934, às nove horas da manhã” (Lévi-Strauss, 1996, p. 49).

sua narrativa é o Brasil. O antropólogo relata sua experiência e sua estada no Brasil como professor na jovem *Universidade de São Paulo*, durante a década de 1930, enquanto fazia parte da missão francesa no país. Além disso, o autor descreve suas incursões com as sociedades indígenas no interior do Brasil e a elaboração de seu trabalho como etnólogo.

Essa breve apresentação nos permite aproximar o cenário em que as viagens foram organizadas das características dos panoramas intelectuais europeus e brasileiros do final do século XIX. Segundo Martin Lienhard, em *Etnografia e Ficção na América Latina: o Horizonte de 1930* (1999), na transição do século XIX para o XX, na Europa, especialmente na França, a viagem (preferencialmente distante da terra natal do pesquisador) era vista como uma prescrição para a formação e consolidação do campo da etnografia. Na América Latina, por outro lado, os problemas enfrentados nas viagens estavam relacionados aos entraves da modernização dos países, ou seja, à explicação do “atraso nacional”.

Como já dito, Euclides da Cunha viajou à Bahia para cobrir a quarta e última expedição da Guerra de Canudos. O anúncio da partida ocorreu no dia 30 de julho de 1897, em um texto publicado n’*O Estado de S. Paulo*, que destacava, além da cobertura jornalística, o objetivo de “escrever um trabalho de fôlego”. O convite foi feito após a publicação de dois artigos no mesmo jornal, o primeiro em março e o segundo em julho de 1897, intitulados *A nossa Vendéia*. Olímpio de Souza Andrade (2002) escreve que o nome de Euclides da Cunha era destaque na redação do jornal devido às suas qualidades literárias (Andrade, 2002, p. 129). Além desse atributo, outro diferencial de Euclides da Cunha em relação aos demais correspondentes foi a sua nomeação como adido ao Estado-Maior do ministro da guerra, marechal Carlos Machado Bittencourt, solicitação feita por Júlio Mesquita a Prudente de Moraes. Desse modo, o correspondente do *Estado* poderia acompanhar mais de perto os planejamentos das operações militares (Ventura, 2003, p. 155-156).

Durante a guerra, que durou quase um ano e resultou na morte de cinco mil soldados e no massacre de uma cidade com cerca de vinte e cinco mil habitantes (Murari, 2007, p. 24), Euclides da Cunha permaneceu no sertão baiano pouco mais de quinze dias. Ainda que a incursão ao arraial de Canudos tenha sido breve, Euclides da Cunha comunicou ao *Jornal do Commercio* seu projeto de publicação de um livro intitulado *A Nossa Vendéia*, que seria dividido em duas partes: *A Natureza* e *O Homem* (Abreu, 1998, p. 161). Durante um período de licença médica de quatro meses na fazenda do pai, em Belém do Descalvado (SP),

concedido pela Superintendência de Obras Públicas, Euclides da Cunha começou a esboçar parte do texto que iria compor seu futuro livro, o qual teve seu título modificado para *Os sertões*.

Como engenheiro responsável pela construção da ponte de ferro sobre o rio Pardo, em São José, interior de São Paulo, Euclides da Cunha retornou à cidade devido à queda da ponte. A empreitada, que levou três anos para ser concluída, resultou no livro “escrito nos raros intervalos de folga de uma carreira fatigante” (Cunha, 2013 [1902], p. 3). Frutos do mesmo período, “a ponte permaneceu por cem anos, até hoje, sem mudanças [...] e o livro durará enquanto o português for uma língua viva” (Amory, 2009, p. 154).

*Os sertões* chegou às prateleiras das livrarias em 2 de dezembro de 1902. Aclamado pela “trindade da ‘nova crítica’” (Abreu, 1998), personificada nos nomes do crítico sergipano Sílvio Romero, do paraense José Veríssimo e do cearense Araripe Júnior, Euclides da Cunha recebe, em pouco tempo, sua coroação como escritor: a sua integração ao *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* e à *Academia Brasileira de Letras*.

*Tristes trópicos* também foi responsável pela repercussão do nome de Claude Lévi-Strauss nos circuitos intelectuais franceses. Lévi-Strauss já havia publicado sua tese, *As estruturas elementares do parentesco*, em 1949; no entanto, Francine legelski (2016) aponta que a recepção da obra estava restrita a um círculo limitado de especialistas em antropologia e a certos grupos intelectuais parisienses. É com a publicação de *Tristes Trópicos* que Lévi-Strauss ganha notoriedade internacional.<sup>3</sup>

“O encontro de Lévi-Strauss com a América marcou o início de sua carreira como etnólogo” (legelski, 2016, p. 79). Através da imagem da “tábua de salvação” (Lévi-Strauss, 1996, p. 56), Lévi-Strauss representa o que o mergulho na etnologia significou para ele. No entanto, como “O Brasil e a América do Sul não significavam muito para mim” (Lévi-Strauss, 1996, p. 49), nada o conduzia, necessariamente, para a América, em especial para o Brasil. Foi por intermédio de uma ligação de Célestin Bouglé, no outono de 1934, que a América tomou forma para o jovem professor de 27 anos, que, na época, ministrava aulas nos liceus de Mont-de-Marsan e Laon. Lévi-Strauss foi convidado a lecionar Sociologia, do outro lado do Atlântico, na *Universidade de São Paulo*, e a realizar suas pesquisas etnográficas, com a

---

<sup>3</sup> Em entrevista a Didier Eribon, Lévi-Strauss conta que, antes de escrever *Tristes trópicos*, tinha levado o projeto do livro *Antropologia estrutural* para a Gallimard, o qual tinha sido recusado. “Depois de *Tristes trópicos*, Gaston Gallimard tentou seduzir-me para me recuperar” (Lévi-Strauss, 1990, p. 92).

promessa de que os arredores de São Paulo estariam “repletos de índios” (Lévi-Strauss, 1996, p. 49).<sup>4</sup>

A primeira expedição, com destino à região central do Brasil, foi feita ao final do primeiro ano escolar. Em novembro de 1935, o casal Lévi-Strauss<sup>5</sup> visitou os Caduveo da fronteira paraguaia e os Bororo, no Mato Grosso central. Após o batismo através dos expressivos traços caduieus e os admiráveis rituais funerários bororos, Lévi-Strauss converteu-se, definitivamente, à etnologia. Ao retornarem a Paris, durante as férias de 1936-1937, o casal preparou sua primeira exposição, na galeria *Wildnenstein*, com os materiais colhidos em campo (composta de mais de seiscentos objetos) (Massi, 1991, p. 149).

A segunda expedição, organizada durante o ano de 1937, tinha como objetivo ser o ápice da experiência de campo de Lévi-Strauss, a fim de redigir uma monografia etnográfica. No entanto, ao contrário do cenário da primeira expedição, a segunda foi atravessada por inúmeros problemas de ordem financeira, burocrática e política. Já sob o Estado Novo, Mário de Andrade e seu aparato institucional (que seriam fundamentais para a expedição) passaram a ser malvistas pelas autoridades. A viagem, assim, ficou sob o controle de Heloísa Alberto Torres, diretora do *Museu Nacional do Rio de Janeiro*. Além disso, a renovação do contrato do magistério na USP não se apresenta ao horizonte de Lévi-Strauss, devido aos conflitos com outro colega de profissão, Paul Arbousse-Bastide (Loyer, 2018).

Embora a segunda expedição não tenha oferecido a base documental esperada, valeu a publicação de sua tese complementar, *A vida familiar e social dos índios Nambikwara*. Além dos Nambiquara, a expedição visitou os Bororo e “os últimos representantes dos Tupi-Cavaíba do rio Machado, dados como desaparecidos” (Massi, 1991, p. 153).

Com o fim de seu vínculo com a USP, Lévi-Strauss retornou a Paris no fim de março de 1939, vindo de Santos. Com a invasão alemã do território francês, o antropólogo foi integrado ao programa de salvamento da *Fundação Rockefeller*, sendo convidado a lecionar na *New School for Social Research*, em Nova York. Lévi-Strauss relata, em *Tristes trópicos*,

---

<sup>4</sup> Em *Tristes trópicos*, Lévi-Strauss escreve: “Era Célestin Bouglé [...], pois me perguntou de maneira abrupta: ‘Você continua com vontade de fazer etnografia?’. ‘Sem dúvida!’ ‘Então, apresente sua candidatura para professor de sociologia da Universidade de São Paulo. Os arredores estão repletos de índios, a quem você dedicará os seus fins de semana’” (Lévi-Strauss, 1996, p. 49).

<sup>5</sup> Claude Lévi-Strauss veio acompanhado de sua então companheira, Dina Lévi-Strauss. Dina era etnóloga e foi responsável em estabelecer o contato entre Claude Lévi-Strauss e Mário de Andrade, assim como com outros importantes nomes do modernismo brasileiro, reunidos em torno do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo.

que seu nome foi incluído na Fundação devido à boa repercussão de seus trabalhos etnográficos realizados em missões no interior do Brasil e às suas publicações no *Jornal da Sociedade dos Americanistas*.

Ao final da II Guerra e com o retorno à França, Lévi-Strauss foi convidado, em 1954, pelo geógrafo e historiador Jean Malaurie a publicar um livro para integrar a coleção *Terre humaine. Civilizations et sociétés. Collection d'études et de témoignages*. O cerne da coleção parece ter tomado forma a partir das narrativas ou autobiografias intelectuais de viajantes acadêmicos, com o objetivo de se estabelecer como uma coleção de “viagens filosóficas”. De acordo com Patrick Wilcken (2011), os livros da *Terre Humaine* tinham como característica a escrita tanto intelectual, autobiográfica, científica e engajada, “alimentando-se do rico campo literário, ainda largamente inexplorado, das culturas indígenas e das pesquisas etnográficas” (Wilcken, 2011, p. 200).

Recebido como um objeto inclassificável, Emmanuelle Loyer (2018) sugere que o caráter híbrido entre ciência e literatura de *Tristes trópicos* desperta como um “ponto de observação” (Loyer, 2018, p. 392) da reconfiguração das relações entre esses âmbitos, nascidas no século XIX. Loyer argumenta que a obra revela um “duplo gesto de recalçamento do teórico e de alinhamento a um ‘rigor’ científico que desenha, por longo tempo, seu horizonte ideal” (Loyer, 2018, p. 392).

O caráter híbrido entre ciência e literatura também foi destaque de *Os sertões*. É de José Veríssimo a famosa crítica feita ao livro de Euclides da Cunha, em sua coluna na primeira página do *Correio da Manhã*, no Rio de Janeiro, na qual diz:

O livro, por tantos títulos notáveis, do Sr. Euclides da Cunha, é ao mesmo tempo o livro de um homem de ciência, um geographo, um geologo, um ethnographo; de um homem de pensamento, um philosopho, um sociologo, um historiador; e de um homem de sentimento, um poeta, um romancista, um artista (Veríssimo, 1903, p. 22).

As mesmas qualidades podem ser estendidas a *Tristes trópicos*, pois Emmanuelle Loyer afirma que *Tristes trópicos* “desconcerta, pois é efetivamente o livro de um cientista, etnólogo por profissão, porém escrito na língua do escrito ou dos que assim consideramos” (Loyer, 2018, p. 392).

Embora as obras resultem de investimentos pessoais e filiações teóricas distintos, consideramos que o significado da viagem em *Os sertões* e em *Tristes trópicos*, além de científico, produz uma interpretação sobre a própria experiência dos autores, entre a admiração, a melancolia e uma espécie de escrita sobre a ausência.

### **Entre a falta e a perda: o discurso sobre a ausência**

O caloroso discurso proferido por Sílvio Romero durante a posse de Euclides da Cunha na *Academia Brasileira de Letras* não deixa dúvidas quanto ao entusiasmo do crítico sergipano com a obra responsável por revelar “um mundo longínquo, afastado, estranho, alheio a tudo que os toca, tudo em que pensam, tudo de que fabulam”, provando o quão “profundo [é] o inconsciente desconhecimento de nós mesmos!” (Romero, 1906). Essa equação entre revelação e desconhecimento permite a discussão sobre o “discurso sobre a ausência” (Nicolazzi, 2008, p. 4), que acreditamos operar em *Os sertões* pela ausência como falta e em *Tristes trópicos* pela ausência como perda.

A ausência pode ser demonstrada por meio do recurso do que Michel de Certeau (1982) definiu como o “corte” geográfico entre “aqui” (*ici*) e “lá” (*là-bas*): em nosso caso, o corte entre Velho/Novo Mundo e litoral/sertão; mais do que isso, o corte entre a experiência da viagem e a escrita de seus livros.

O “corte” geográfico pode ser vislumbrado já nos títulos das referidas obras: são os trópicos e os sertões que despontam como cenário e personagem. Em termos de ausência/presença do artigo definido “os”, podemos considerar: enquanto a ausência do artigo definido no título de *Tristes trópicos* indica a ambição universalizante, ou seja, os trópicos vistos por outros viajantes (Massi, 1991, p. 178),<sup>6</sup> a presença do artigo definido no livro de Euclides da Cunha nos permite ponderar o contrário, pois são “os” sertões que se mostram ao leitor; “os” sertões brasileiros ou mesmo “os” sertões pintados por Euclides da Cunha,<sup>7</sup> responsável por ter revelado “um mundo longínquo” (Romero, 1906), sobre o qual fala Sílvio Romero.

---

<sup>6</sup> Vale ressaltar que a ausência do artigo não se dá apenas pela tradução, sendo o original em francês *Tristes tropiques*, ao invés de *Les tristes tropiques*, que também estaria gramaticalmente correto.

<sup>7</sup> Segundo Luciana Murari (2007), a etimologia do termo sertão é incerta, sendo, por vezes, associada a deserto. No século XIX, o termo estava relacionado às regiões pouco povoadas do interior do Brasil e, mais especificamente, ao nordeste semiárido e às regiões baseadas na pecuária extensiva ao norte do país. Sobre a ideia de sertão no pensamento social brasileiro, ver: LIMA, Nísia T. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Revan; IUPERJ; UCAM, 1999.



Outra característica pode ser verificada em seus títulos: se *Tristes trópicos* é construído pela inversão da imagem ensolarada dos trópicos, *Os sertões* é o próprio sol abrasivo; mas o sertão também reserva sua tristeza, traduzida na “verdade da frase paradoxal de Aug. de Saint-Hilaire: ‘Há, ali, toda a melancolia dos invernos, com um sol ardente e os ardores do verão!’” (Cunha, 2013, [1902], p. 47).

Michel de Certeau, no texto, *A oralidade ou o espaço do outro: Léry* (1982), sistematiza a obra do viajante genebrino tratando do “corte” geográfico como o ponto inicial para o estabelecimento da etnologia, pois “a ‘barra’ do-lado-de-cá/do-lado-de-lá serve para distinguir entre si o sujeito e o objeto ‘etnológicos’” (Certeau, 1982, p. 225).

Desse modo, “a diferença é, ao mesmo tempo, o princípio gerador e o objeto em que acreditar” (Certeau, 1982, p. 219). Para Certeau, “o maravilhoso, marca visível da alteridade, não serve para propor outras verdades ou um outro discurso, mas pelo contrário, serve para fundar uma linguagem sobre a capacidade operatória de dirigir a exterioridade para o mesmo” (Certeau, 1982, p. 227).<sup>8</sup> No entanto, em *Os sertões* e em *Tristes trópicos* não se trata somente de “apresentar” ou “traduzir” um novo mundo para o leitor, mas também de refletir, questionar e argumentar.

Em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, Euclides da Cunha declara que a historiografia nacional estaria “reduzida aos múltiplos sucessos da existência político-administrativa”, faltando-lhe “a pintura sugestiva dos homens e das coisas” (Cunha, 1906). A partir do inventário de falas de diferentes autores em momentos da história nacional, Fernando Nicolazzi percebe uma interpretação comum aos primeiros 40 anos da República brasileira: o diagnóstico de um sentimento de simultaneidade entre a “civilização” e o “selvagem”, isto é, a contemporaneidade entre “fases” distintas e distantes da história. O problema da convergência entre cultura e civilização é percebido já nas primeiras tentativas em definir a nação brasileira, como a discussão da questão indígena, tratada pelos românticos como um ente “fora” do tempo<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> Não nos foi possível apresentar no artigo, mas a discussão a respeito do modo como *Os sertões* e *Tristes trópicos* descrevem e criam imagens maravilhosas para apresentar o anfiteatro do sertão e do Atlântico foi desenvolvida na dissertação. Para ver: REIS, Juliana de Souza dos. O sertão do Brasil. In: *Contrastes da viagem e as visões do tempo em Os sertões e em Tristes trópicos: diálogos entre história, literatura e etnografia*. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de História, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2023 (p. 70-89).

<sup>9</sup> A interpretação de Alfredo Bosi, em *Um mito sacrificial: o indianismo de Alencar* (1992), parece sintetizar o problema da ausência da história indígena na escrita da história brasileira. Analisando o panorama literário brasileiro do século XIX (em especial, o caso alencariano), Bosi afirma que até a “subida da maré liberal nos

Em *Os sertões*, o diagnóstico de simultaneidade entre fases distintas e distantes da história foi eternizado na famosa declaração de Euclides da Cunha, o qual escreveu:

Vivendo quatrocentos anos no litoral vastíssimo, em que palejam reflexos da vida civilizada, tivemos de improviso, como herança inesperada, a República. Ascendemos, de chofre, arrebatados na caudal dos ideais modernos, deixando na penumbra secular em que jazem, no âmago do país, um terço da nossa gente. Iludidos por uma civilização de empréstimo; respigando, em faina cega de copistas, tudo o que de melhor existe nos códigos orgânicos de outras nações, tornamos, revolucionariamente, fugindo ao transigir mais ligeiro com as exigências da nossa própria nacionalidade, mais fundo o contraste entre o nosso modo de viver e o daqueles rudes patrícios mais estrangeiros nesta terra do que os imigrantes da Europa. *Porque não no-los separa um mar, separam-no-los três séculos...* (Cunha, 2013 [1902], p. 208 - grifos nossos).

De acordo com o argumento de Fernando Nicolazzi, o ‘deslocamento’ visto em *Os sertões* é sentido através da “transposição da distância no espaço como uma distância no tempo” (Nicolazzi, 2010, p. 263). Os recursos usados por Euclides da Cunha para expressar a “distância” (o “corte”) entre litoral e sertão não têm efeitos apenas geográficos, mas também temporais, isto é, “em relação ao litoral, ele [o sertão] emerge como uma espécie de Novo Mundo, sem ser, no entanto, jamais um mundo *novo*” (Nicolazzi, 2010, p. 265 - grifo do autor).

Não é um mundo novo, pois o encontro com o espaço do sertão alinha-se à percepção do tempo que ali impera, isto é, ambos estão circunscritos pela imobilidade. O sertão isola o sertanejo, e, estando isolado, o sertanejo encontra-se em outro tempo. Com efeito, esse outro tempo se expressa como sintoma do sentimento do “lapso” entre “cultura” e “civilização”, do qual fala Nicolazzi. Canudos, que despontava como problema aos olhos das redações de jornais do litoral por ser a representação de uma mobilização monarquista, surge nas páginas de *Os sertões* como um problema de ordem mais profunda.

Pregava contra a República; é certo. O antagonismo era inevitável. Era um derivativo à exacerbação mística; uma variante forçada ao delírio religioso. Mas não traduzia o mais pálido intuito político: o jagunço é tão inapto para apreender a forma republicana como o monárquico-constitucional. Ambas lhe são abstrações

---

anos 60”, vimos “o surgimento e o clímax da nossa literatura romântica” (Bosi, 1992, p. 176), na qual “uma figura de nítido corte rousseauísta como o bon sauvage acabou compondo o nosso imaginário mais conservador. Gigante pela própria natureza, o índio entrou in extremis na sociedade literária do Segundo Império” (Bosi, 1992, p. 177).

inacessíveis. É espontaneamente adversário de ambas. Está na fase evolutiva em que só é conceptível o império de um chefe sacerdotal ou guerreiro (Cunha, 2013 [1902], p. 207).

As diferenças culturais são convertidas, então, como diferenças em etapas da evolução. O discurso sobre a ausência pelo viés da falta é traduzido em *Os sertões* pela via temporal, visto que, aos sertanejos, “faltou-lhes uma situação de parada ou equilíbrio, que lhes não permite mais a velocidade adquirida pela marcha dos povos neste século”. Desse modo, “retardatários hoje, amanhã se extinguirão de todo” (Cunha, 2013 [1902], p. 3-4).

O sertão existe enquanto parêntese; “era um hiato; era um vácuo. Não existia” (Cunha, 2013 [1902], p. 570). Isolado o sertanejo, “a História não iria até ali” (Cunha, 2013 [1902], p. 570). A brecha de tempo que configura a distância entre o litoral e o sertão é traduzida em termos de pares que se opõem: presente e passado; moderno e selvagem; cultura e natureza; história e a sua negação (ou a pré-história) (Nicolazzi, 2010, p. 271).

Nessa chave de leitura, o escritor declara: “estamos condenados à civilização. Ou progredimos ou desaparecemos” (Cunha, 2013, [1902], p. 72). Não nos é possível desenvolver aqui as implicações teóricas que Luiz Costa Lima apresentou, em *Terra ignota: a construção de Os sertões* (1997), a partir da desleitura de Euclides da Cunha à teoria do sociólogo polonês Ludwig Gumplowicz (1838-1909); mas a recomendação é válida para entender o embaraço teórico que Euclides da Cunha esteve imerso para interpretar a situação de Canudos (e, de certa forma, da história brasileira).<sup>10</sup>

O evolucionismo engendrou interpretações errôneas a respeito das experiências temporais divergentes ao regime moderno de historicidade (Hartog, 2019). Claude Lévi-Strauss é quem lança luz ao debate com o artigo *Raça e história* (1952), no qual se inverte o problema da distância no espaço como diferença no tempo, pois “tratar-se-á de perceber que as sociedades não se acumulam numa linearidade de sucessão cronológica, mas sim se justapõem na expansão de espaços distintos, mas contemporâneos” (Nicolazzi, 2010, p. 272).

Ao falarmos que o discurso sobre a ausência que mais se destaca em *Tristes trópicos* se apresenta através da perda, queremos demonstrar que há uma preocupação com a sugestão de que o próprio campo da antropologia estaria ameaçado, na medida em que

---

<sup>10</sup> Para ler sobre como Euclides da Cunha leu e interpretou a teoria do sociólogo polonês Ludwig Gumplowicz, ver: LIMA, Luiz Costa. A transcendência na imanência: o essencialismo nacional. In: *Terra ignota: A construção de Os sertões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997 (pp. 37-57).

“mais do que antropologia, teria que se escrever ‘entropologia’, nome de uma disciplina dedicada a estudar em suas mais elevadas manifestações esse processo de desintegração” (Lévi-Strauss, 1996, p. 442). A ausência evocada por Lévi-Strauss é marcada pela “função profunda da antropologia como ciência dos últimos dias” (Loyer, 2018, p. 390).

Não há perspectiva mais exaltante para o etnógrafo que a de ser o primeiro branco a penetrar numa comunidade indígena. Em 1938, essa recompensa suprema só podia ser obtida em algumas regiões do mundo suficientemente raras para serem contatadas nos dedos da mão. Desde então, essas possibilidades restringiram-se ainda mais.

[...] Esse entusiasmo ainda está em voga no século XX? Por menos conhecidos que fossem os índios do Pimenta Bueno, eu não podia esperar o choque sentido pelos grandes autores Léry, Staden, Thevet, que, há quatrocentos anos, puseram os pés no território brasileiro. O que viram na época, nossos olhos *nunca mais* avistarão (Lévi-Strauss, 1996, p. 346 - grifos nossos).

O que há de novo na literatura de viagem do século XX, de acordo com Vincent Debaene (2014), é o reconhecimento da “ligação problemática [...] entre a experiência vivida e o conhecimento”, sobre a qual “o processo de escrita [...] desempenha um papel decisivo” (Debaene, 2014, p. 147 - tradução nossa).<sup>11</sup> Nesse sentido, mesmo enquanto obra etnográfica, Loyer diz que *Tristes trópicos* é “o relato decepcionado de um trabalho de campo malogrado” (Loyer, 2018, p. 385).

Que viemos fazer aqui? Com que esperança? Com que finalidade? O que é exatamente uma pesquisa etnográfica? O exercício normal de uma profissão como as outras, com essa única diferença de que o escritório ou o laboratório estão separados do domicílio por alguns milhares de quilômetros? Ou a consequência de uma escolha mais radical, implicando um questionamento do sistema no qual nascemos e crescemos? (Lévi-Strauss, 1996, p. 402).

Além das intempéries de ordem externa que despem o trabalho de campo das idealizações da viagem, há, sobretudo, o “círculo intransponível” do viajante. O paradoxo do viajante moderno reside na conclusão de que “no final das contas, sou prisioneiro de uma alternativa: ora viajante antigo, confrontado com um prodigioso espetáculo do qual tudo ou quase lhe escapava – pior ainda, inspirava troça e desprezo –, ora viajante moderno,

---

<sup>11</sup> [No original] “Thus what had hitherto been only postulated in theoretical discourses now becomes clearer, namely, the problematic connection, which is mediated but not therefore illusory, between lived experience and knowledge. As we will see, the process of writing always plays a decisive role in this transition” (Debaene, 2014, p. 147).

correndo atrás dos vestígios de uma realidade desaparecida” (Lévi-Strauss, 1996, p. 44). Sua condição de viajante moderno está permeada por uma procura inútil de “reconstituir o exotismo com o auxílio de parcelas e destroços” (Lévi-Strauss, 1996, p. 43). Se o Novo mundo já não é tão novo, o adjetivo que se adequaria melhor para definir a experiência do viajante moderno seria “triste” (Massi, 1992, p. 169).

Embora essa postura possa soar como a figuração de um “pessimismo histórico” (Debaene, 2014, p. 216), acreditamos que, nesse jogo com o código da temporalidade histórica, isto é, a cronologia, Lévi-Strauss busca integrar a experiência individual de sua própria lembrança com uma experiência maior, em um sentido coletivo.

Como explica Francine Legelski (2016), no capítulo *História e dialética* (1962), Lévi-Strauss considera a cronologia como o código do conhecimento histórico, na medida em que não há história sem datas, pois é a relação do antes e do depois que confere a originalidade e especificidade da história. Seriam necessários pelo menos três aspectos para determinar uma cronologia, sendo eles: i) o aspecto da sucessão – a data como número com função ordinal; ii) o aspecto cardinal; iii) o aspecto da existência da data enquanto membro de uma classe de datas – isto é, as datas como unidades relacionais.

O terceiro aspecto, destaca Legelski, é o mais importante para Lévi-Strauss no estabelecimento de uma cronologia, pois é uma forma de demonstrar o caráter descontínuo da história, visto que “todas as datas não formariam uma série” (Legelski, 2016, p. 178). Podemos pensar que, ironicamente, a única totalidade histórica seria a conclusão de que “o mundo começou sem o homem e se concluirá sem ele” (Lévi-Strauss, 1996, p. 442).

Entre a frase inaugural, “odeio as viagens e os exploradores” (Lévi-Strauss, 1996, p. 15), à despedida feita na última página, “adeus, selvagens!, adeus, viagens!” (Lévi-Strauss, 1996, p. 443), o relato de retorno impõe a relação do tempo com as esperanças e as inquietações, na epifania da lembrança. Michel Leiris escreve que *Tristes trópicos* demonstra, na recusa do tempo cronológico, uma “experiência de apropriação do fluxo do tempo”, à maneira da “iluminação proustiana”, emergindo, enquanto livro que aposta, que a memória “não é a apenas a faculdade de esquecer ou lembrar, mas, profundamente, uma faculdade de decantação, compreensão e significação” (Leiris, 1956). *Tristes trópicos* não como um relato do vivido, mas um relato do lembrado, pois “a lembrança é a própria vida, mas com outra qualidade” (Lévi-Strauss, 1996, p. 67).

Assim como em *Tristes trópicos*, a escrita em *Os sertões* é parte decisiva para a ligação entre experiência e conhecimento, especialmente por se tratar de um episódio da história brasileira amplamente discutido pela imprensa da época e apresentado como uma ameaça à estabilidade da recém-fundada República, inclusive por Euclides da Cunha.<sup>12</sup> Em suas palavras: “na apreciação dos fatos o tempo substitui o espaço para a focalização das imagens: o historiador precisa de certo afastamento dos quadros que contempla.” (Cunha, 2013 [1902], p. 299).

A união entre discurso referencial e discurso literário proporciona ao leitor algo muito diferente de uma reportagem histórica ou de uma narrativa ficcional baseada em um episódio histórico. Em *Os sertões*, como afirma Patrícia Horta (1998), “o leitor não tem [...] consolo, pois sabe que o discurso literário na obra foi aplicado a *fatos reais*” (Horta, 1998, p. 93 - grifos da autora).

O par revelação/desconhecimento, discutido por Nicolazzi, pode ser relacionado ao par que permeia as narrativas modernas de viagem: o par aventura/desilusão. É através dessa perspectiva que pretendemos analisar *Os sertões* e *Tristes trópicos*. A partir da leitura do texto de Walter Benjamin, *Experiência e pobreza* (1933), buscamos identificar uma das principais formas de narrar presentes nos livros, embora não seja a única.

### **Uma leitura a partir de *Experiência e pobreza* (1933)**

Em *Experiência e pobreza* (1933), Walter Benjamin afirma que as guerras evidenciam, acima de tudo, a pobreza de experiência que afeta toda a humanidade, dando origem ao que ele chama de uma “nova barbárie”. Nesse contexto, surge um novo tipo de “bárbaro”, caracterizado por “uma desilusão radical com o século e ao mesmo tempo uma total fidelidade a esse século” (Benjamin, 1987, p. 115). Tanto *Os sertões* quanto *Tristes trópicos* são relatos decididamente desiludidos e fiéis ao tempo dos autores.

Ambos os livros abordam a decepção do viajante consigo e com sua civilização, funcionando como um espelho, no qual, quando se pensa encontrar o outro, encontra a si mesmo. Não são mais as vitórias que o narrador conta; ao contrário, sua figura se

---

<sup>12</sup> Os artigos publicados n’*O Estado de S. Paulo*, intitulados *A nossa Vendéia*, comparam, em certa medida, o arraial de Belo Monte com o caso da sublevação de camponeses, caracterizada como monarquista e católica, da região da Vendéia, na França, como reação à derrubada do Antigo Regime (Ventura, 2002, p. 105).

transforma em um “anti-herói: o que frustra, se decepciona, coleciona derrotas” (Peixoto, 1992, p. 197).

Com efeito, queremos destacar que a pobreza da experiência percebida nas páginas dos livros de Euclides da Cunha e Lévi-Strauss não se limita apenas ao impacto das guerras. É evidente que a Guerra de Canudos desempenha um papel decisivo na mudança de postura interpretativa do autor brasileiro em relação ao projeto republicano; da mesma forma, a Segunda Guerra impacta diretamente a vida de Lévi-Strauss, que se vê forçado ao exílio nos Estados Unidos, durante a década de 1940. No entanto, em ambos os livros, a pobreza da experiência pode ser lida como uma incapacidade do narrador de transmitir suas vivências e também como sintoma da falta de um ouvinte.

Como porta-voz do fracasso da campanha de Canudos, Euclides da Cunha, em vez de coroar o Exército, questiona suas prerrogativas em relação ao arraial de Belo Monte. *Os sertões* foi escrito para a elite letrada do país, que ignorava a existência do Brasil profundo. O livro sublinha que o futuro ali caía, pois o que Canudos representava, ao cabo, era “um grito de protesto; sombria, porque reflete uma nódoa – esta página sem brilhos [...]” (Cunha, 2013 [1902], p. 571).

*Tristes trópicos*, por sua vez, combina o plural dos itinerários traçados por Lévi-Strauss. Abrindo o livro, em uma espécie de anticlímax, a primeira parte, denominada *O fim das viagens*, é inaugurada com o capítulo *Partida*, e que, no entanto, começa com a história das conversas dadas no seu regresso. Como descreve Vincent Debaene (2014), “desde a primeira página, Lévi-Strauss nos dá um exemplo do que exatamente *Tristes trópicos* não será” (Debaene, 2014, p. 200 - tradução nossa)<sup>13</sup>.

Simultaneamente, o autor explica que seu livro trata sobre viagens, mas o faz, justamente, pelo tratamento irônico em relação ao gênero “relato de viagem” (em especial, o relato contemporâneo).

Quinze anos passaram desde que deixei o Brasil (...) e, durante todos esses anos, muitas vezes planejei iniciar este livro; toda vez, uma espécie de vergonha e de repulsa me impediu. E então? Há que narrar minuciosamente tantos pormenores insípidos, acontecimentos insignificantes? Não há lugar para a aventura na profissão de etnógrafo. (...) (Lévi-Strauss, 1996, p. 15).

---

<sup>13</sup> “From the very first page, Lévi-Strauss gives us an example of exactly what *Tristes Tropiques* will not be” (Debaene, 2014, p. 200).

Esse tratamento irônico do relato da viagem pode ser aproximado de outro aspecto da pobreza da experiência. Walter Benjamin, ao refletir sobre os impactos da Primeira Guerra Mundial no nível da experiência, identifica um fenômeno peculiar: ao mesmo episódio histórico que suprimiu vidas, separou famílias, gerou traumas, observou-se um aumento expressivo no número de livros publicados sobre o assunto. Benjamin vê no sucesso desses livros um dos sintomas da “pobreza de experiência”. De maneira semelhante, Lévi-Strauss reserva uma interpretação crítica para os livros de viagem que preenchem as prateleiras.

Entretanto, esse gênero [narrativa de viagem] de relato encontra uma aceitação que para mim continua inexplicável. A Amazônia, o Tibete e a África invadem as lojas na forma de livros de viagem, narrações de expedição e álbuns de fotografias em que a preocupação com o impacto é demasiado dominante para que o leitor possa apreciar o valor do testemunho que trazem (Lévi-Strauss, 1996, p. 16).  
[...] Então, compreendo a paixão, a loucura, o equívoco das narrativas de viagem. Elas criam a ilusão daquilo que não existe mais e que ainda deveria existir, para escaparmos da evidência esmagadora de que 20 mil anos de história se passaram. Não há mais nada a fazer (Lévi-Strauss, 1996, p. 16).<sup>14</sup>

A perda discutida por Benjamin, como explica Pedro Spinola Caldas (2007), não se refere à perda de uma certa “virtude moral”, mas, especialmente, à perda da “sensibilidade de perceber em si a própria temporalidade” (Caldas, 2007, p. 4). Essa dimensão fundamental da narração a diferencia tanto do romance quanto da informação. O romancista “incute, seduz, dá conselhos, possibilita uma ação que abre novas possibilidades para o futuro” (Caldas, 2007, p. 4), enquanto a informação “já nos chega acompanhada de explicações” (Caldas, 2007, p. 4).

A narrativa, por outro lado, “obedece ao fluxo do tempo, sensibilidade e disciplina” (Caldas, 2007, p. 4). Esse fluxo do tempo é crucial para a narrativa, pois seu objetivo é “passar adiante, conservar” (Caldas, 2007, p. 4). A capacidade de conservar e lembrar permite que a narrativa encare “a morte com serenidade, como algo constitutivo” (Caldas, 2007, p. 4). No entanto, é exatamente o oposto que ocorre com o “fim das narrativas”: sem

---

<sup>14</sup> *Tristes trópicos* como um “livro do desassossego” (Loyer, 2018, p. 377). Nas palavras de Fernando Pessoa: “Compreendo que viaje quem é incapaz de sentir. Por isso são tão pobres sempre como livros de experiência os livros de viagens, valendo somente pela imaginação de quem os escreve. E se quem os escreve tem imaginação, tanto nos pode encantar com a descrição minuciosa, fotográfica a estandartes, de paisagens que imaginou, como com a descrição, forçosamente menos minuciosa, das paisagens que supôs ver” (Pessoa, 2019, p. 84).



possibilidade de conservar ou de lembrar, a própria morte não tem um sentido constitutivo, sendo apenas “arbitrária, absurda” (Caldas, 2007, p. 4).

Como podemos relacionar essa declaração com *Os sertões* e *Tristes trópicos*? De forma mais evidente, em *Os sertões*, o tema da guerra permeia, em certa medida, todo o livro. Dividido em *A Terra; O Homem; A Luta*, o livro não faz uma dicotomia entre uma parte descritiva e analítica (I e II parte) e uma parte narrativa (III parte). Como afirma Walnice Nogueira Galvão (1995), o livro é, desde o início, intensamente narrativo. Enquanto em *A Terra* há o fenômeno da antropomorfização dos elementos naturais, em *O Homem* “o assunto principal, a miscigenação, é narrado como um processo” (Galvão, 1995, p. 626). *A Luta* se consagra com a associação desses dois elementos, que marcam o tom da crônica da guerra, pois “as caatingas são um aliado incorruptível do sertanejo em revolta” (Cunha, 2013 [1902], p. 241). A tensão dramática, então, nunca está ausente.

Todos os elementos, animados e inanimados “passam a ser portadores de sentimentos e ações, sendo a antropomorfização um importante recurso estilístico” (Zilly, 2002, p. 355). O martírio do homem “é o reflexo de tortura maior”, pois “nasce do martírio secular da Terra...” (Cunha, 2013 [1902], p. 65). O martírio, porém, torna-se ainda mais candente com a chegada das sucessivas expedições, pois durante, aproximadamente, um ano “enviamos-lhes o legislador Comblain; e esse argumento único, incisivo, supremo e moralizador – a bala” (Cunha, 2013 [1902], p. 211).

A essa altura, gostaríamos de dialogar com o texto de Ricardo Piglia, *Sarmiento, escritor* (1998). Ao escrever sobre o famoso livro de Domingos Sarmiento, *Facundo: ou civilização e barbárie* (1845), Piglia aponta que o mundo cindido é o núcleo central de *Facundo*, sendo a relação de oposição entre civilização e barbárie a complexa chave de entrada para manter esses dois mundos unidos; união essa construída no texto a partir da “diferença pura” (Piglia, 2010 [1998], p. 23).

N’*Os Sertões*, o corte entre esses dois mundos, que são o sertão e o litoral, demonstra que “o escritor está na fronteira” (Piglia, 2010 [1998], p. 23). Estando na fronteira, Piglia nota que o “e” de civilização e barbárie não é ingênuo ou casualmente utilizado, mas estrategicamente manejado para explorar essa sobreposição. Não é civilização *ou* barbárie. Euclides da Cunha, ao transformar os “modernos templários” do exército brasileiro em jagunços, projeta a linha tênue que separava aquele que, aparentemente, representava a civilização e o não-civilizado.

Dessa forma, não nos parece ser arbitrário o uso da expressão “legislador Comblain” e a imagem da bala como um argumento, visto que há nesses termos a tensão entre uma ideia de civilização e de barbárie, a qual parece não haver mais distinção. Como declarado por Kurtz, em *O coração das trevas*,<sup>15</sup> “O horror! O horror” (Conrad, 2010 [1902], p. 121) testemunhado por Euclides da Cunha mostra que “ainda não existe um Maudsley para as loucuras e os crimes das nacionalidades...” (Cunha, 2013 [1902], p. 615).<sup>16</sup>

“O fim das aventuras”, do qual fala Lévi-Strauss, pode ser relacionado também com “o fim das narrativas”; remontamos à declaração inicial do artigo, isto é, o elo entre viajar e narrar. Durante a segunda expedição, na escala em Campos Novos, que “foi especialmente desalentadora”, pois a situação estava repleta de percalços, com companheiro doentes, pessoas que morriam de “malária, de leishmaniose, de ancilostomíase e, sobretudo, de fome” (Lévi-Strauss, 1996, p. 401), o antropólogo rascunha uma peça, chamada *A apoteose de Augusto*.<sup>17</sup>

Os personagens principais seriam Augusto e Cina. Melhores amigos, ambos representam duas faces de uma mesma moeda: Augusto seria o imperador que mantém a manutenção de sua sociedade; Cina, o explorador, está fora de sua sociedade. Após dez anos longe, eles se reencontram. Cina, então, rebate toda a animação que Augusto expressa perante o ofício do explorador, pois se engana quem acredita que aquele que regressa volta

---

<sup>15</sup> *O coração das trevas* foi publicado, na Inglaterra, no mesmo ano de *O sertões*. Para leituras que aproximam as obras, ver: FILHO, Paulo Venancio. Os sertões: atualidade e arcaísmo na representação cultural de um conflito brasileiro. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* 5 (suppl). Jul 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59701998000400005>.

FREITAS, Marcos Roberto Batista de. *A Literatura comparada como heterotopia: uma perspectiva Foucaultiana para Os sertões e O coração das trevas*. 2008. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ. 2008.

<sup>16</sup> Essas são as últimas palavras de *Os sertões*, presentes no capítulo chamado *Duas linhas*. O nome ao qual Euclides da Cunha faz referência é o do psiquiatra inglês Henry Maudsley (1835-1918), cuja principal obra foi publicada em 1867, *The Physiology and Pathology of Mind*. Das linhas de força da interpretação dos transtornos mentais, destacam-se três: i) a predisposição hereditária; ii) a degenerescência como fator explicativo – o que seria “naturalmente” superado com a evolução do tempo; iii) o homem como parte do meio; PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Henry Maudsley e a tradição psicopatológica inglesa. *Rev. Latinoam. Psicop. Fund.* V, 2, 126-129. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/ZTYFFZ54zb5TwbVpqVtwTws/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 04 abr. 2022.

<sup>17</sup> A peça permaneceu como rascunho “no verso de folhas cobertas de vocabulários, esboços e genealogias. Depois do quê, a inspiração abandonou-me em plena labuta e nunca mais voltou” (Lévi-Strauss, 1996, p. 404). Lévi-Strauss declara que a peça tinha a intenção de se apresentar “como uma nova versão de Cina” (Lévi-Strauss, 1996, p. 404).

Trata-se da peça *Cinna* ou *la Clémence d'Auguste*, do poeta francês Pierre Corneille (1606-1684). Sobre a peça de Corneille em comparação com a releitura de Lévi-Strauss, ver: JÚNIOR, Guilherme Simões Gomes. Lévi-Strauss e Corneille, autores de Cina. *Novos estudos*, nº 59, mar-2001. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3544068/mod\\_resource/content/1/20080627\\_levi\\_strauss\\_e\\_corneille.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3544068/mod_resource/content/1/20080627_levi_strauss_e_corneille.pdf). Acesso em: 07 maio 2023.

carregado de maravilhas. Revela-se o cerne da peça: o abandono de Cina à ilusão da viagem como aventura, pois “Nada daquilo que lhe dão o crédito de ter conhecido é real; a viagem é um equívoco” (Lévi-Strauss, 1996, p. 406).

Por mais que eu ponha no meu discurso todo o vazio, a insignificância de cada um desses acontecimentos, basta que ele se transforme em relato para maravilhar e fazer sonhar. No entanto, não era nada; a terra era semelhante a esta terra e os fiapos de capim, a este prado (Lévi-Strauss, 1996, p. 407).

A perda que *Tristes trópicos* parece apresentar decorre da conjugação entre o exercício teórico e a escrita de si (entendendo aqui uma escrita apoiada nos princípios da historicidade moderna ocidental). Entre os cadernos etnográficos e os textos que se dedicam às descrições das sociedades indígenas, a imagem de uma “pedra no caminho” parece percorrer, ou ao menos circundar, os textos etnográficos: a de que, embora existam diferentes maneiras de se reagir à historicidade, a nossa forma tem o potencial altamente destruidor.

Frank Lestringant (2000) sugere que o creosoto (material usado para conservar os cantis dos cupins e do bolor) emerge nas páginas de *Tristes trópicos* como um certo antídoto a essa desenfreada aceleração. O que chama a atenção, segundo Lestringant, é a indicação sutil que a etimologia da palavra traz à sua interpretação: a palavra creosoto, formada pelas palavras gregas *kreas*, a “carne”, e *sózein*, “salvar”, literalmente, detém a podridão da carne. Metaforicamente, assim, a leitura de *Tristes trópicos* e a própria etnologia são entendidas como tarefa e tentativa de impedir o desaparecimento de outras maneiras de experienciar a temporalidade (Lestringant, 2000, p. 98).

*Os sertões* e *Tristes trópicos* manifestam o duplo caracterizado por Benjamin, isto é, aparecem como escritas desiludidas e fiéis aos seus séculos. Motivado pela “antiga convicção de que o futuro o lerá”, Euclides da Cunha confessa a seu amigo Francisco Escobar, em carta, que o seu alento reside em ser “um vingador” e por ter “desempenhado um grande papel na vida – o de advogado dos pobres sertanejos assassinados por uma sociedade pulha, covarde e sanguinária...”, mesmo que o seu livro tenha “o aplauso de uns vinte ou trinta amigos [...]. E isto me basta” (Cunha, 1902).

Lévi-Strauss, por outro lado, foi motivado por um interesse mais despretensioso. Nas palavras do antropólogo: “Eu possuía um saco cheio de coisas que tinha vontade de

despejar... No fim, me desincumbi em quatro meses, e num estado permanente de exasperação intensa, colocando ali tudo que me passava pela cabeça, sem qualquer precaução” (Lévi-Strauss, 1985, p. 24 *apud* Loyer, 2018, p. 380).

Apesar dessa aparente despreensão, *Tristes Trópicos* foi escrito durante uma crise que Lévi-Strauss atravessava. Ele descreve esse período como uma fase em que estava convencido de que não teria um futuro universitário. Assim, ele ficou “tentado pelo projeto a escrever pelo menos uma vez sem policiamento”; “não se tratava mais de transcreever uma espécie de diário de expedição. Eu deveria repensar minhas velhas aventuras; precisaria refletir e filosofar sobre elas, fazer um balanço” (Lévi-Strauss, 1990, p. 79). Ao fazer esse balanço, o livro desponta como “um livro-sintoma de um retorno crítico, dez anos depois do fim da guerra, do Ocidente sobre si mesmo” (Loyer, 2018, p. 389).

Euclides da Cunha e Claude Lévi-Strauss retornam às memórias de suas viagens para compor seus livros. Desse modo, surge um complexo de textos que não se acumulam numa linearidade cronológica e/ou temática. Há diversas possibilidades para estabelecer contato com os livros, e nossa tentativa foi partir de uma leitura sobre o impacto que o “corte” geográfico produziu no diagnóstico de uma certa pobreza de experiência. Observamos que os livros se apresentam ao público-leitor como textos em que seus autores debruçam, fundamentalmente, sobre as condições de seus próprios tempos. Assim, podemos concluir que as obras partem de uma escrita inquieta e exigem, em igual medida, uma leitura inquieta.

## Referências

ABREU, Regina. *O enigma de Os sertões*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

AMORY, Frederic. *Euclides da Cunha: Uma Odisseia nos trópicos*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

ANDRADE, Olímpio de Souza. *História e interpretação de Os sertões*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 3. ed. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet; prefácio: Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOSI, Alfredo. Um mito sacrificial: o indianismo de Alencar. In: BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das letras, 1992 (pp. 176-193).

CALDAS, Pedro Spinola Pereira. Antes de Auschwitz: Um Ensaio sobre memória e narrativa em Walter Benjamin e Erich Maria Remarque. *Revista Eletrônica Cadernos de História*, Ano II, n. 01, março de 2007 ISSN 19800339 pp. 1-10.

CERTEAU, Michel de. A oralidade ou o espaço do outro: Léry. *In: A Escrita da história*; tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982 (pp. 189-219).

CONRAD, Joseph. *O coração das trevas*. Tradução Celso M. Paciornik. São Paulo: Abril, 2010.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 1. ed. – Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013. 662 p.

CUNHA, E. Discurso de posse na ABL (1906). Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/euclides-da-cunha/discurso-de-posse>. Acesso em: 21 abr. 2021.

CUNHA, E. Carta a Francisco Escobar, Lorena, 19 de outubro de 1902. Disponível em: <https://euclidesite.com.br/obras-de-euclides/correspondencia/correspondencia-ativa-de-1902/#Lorena19out1902>. Acesso em: 09 set. 2021.

DEBAENE, Vincent. *Far Afield: French Anthropology between Science & Literature*. Translated by Justin Izzo. Chicago: The University of Chicago Press. 2014. 415p.

ENTINI, C. E. Despachos do front: Telegramas e cartas sobre a guerra foram embrião de clássico da literatura. *Infográficos Estadão*. Disponível em: <https://infograficos.estadao.com.br/especiais/euclides/capitulo-1.php>. Acesso em: 03 set. 2021.

GALVÃO, Walnice Nogueira. “Euclides da Cunha”. *In: PIZARRO, Ana (Org.) América Latina: Palavra, Literatura e Cultura*, São Paulo, Campinas: Memorial da América Latina, Ed. da Unicamp, 1995, v. 2.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade*. 1. ed.; 3. reimp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

HORTA, Patricia. Canudos para hoje (níveis de leitura implícitos em Os sertões). *Magma Revista/ Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas / USP*. - n. 5 (1998) -.- São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 1998 (pp. 89-99).

IEGELSKI, Francine. *Astronomia das constelações humanas: reflexões sobre Claude Lévi-Strauss e a história*. São Paulo: Humanitas, 2016.

LESTRINGANT, Frank. De Jean de Léry a Claude Lévi-Strauss: por uma arqueologia de Tristes trópicos. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2000, v.43, no 2.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e história. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural dois*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. Cosac Naify, 2013. [e-book, 2014].

LÉVI-STRAUSS, Claude. *De perto e de longe*; tradução de Léa Mello e Julieta Leite. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 454 p.

LIENHARD, Martin. Etnografia e ficção na América Latina: o horizonte de 1930. *Literatura e Sociedade*, v. 4, n. 4, 1999, p. 94-102. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/lis/article/view/18081>. Acesso em: 09 mar. 2022.

LIMA, Luiz Costa. *Terra ignota: A construção de Os sertões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

LOYER, Emmanuelle. *Lévi-Strauss*. Tradução André Telles. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.

MASSI, Fernanda Peixoto. *Estrangeiros no Brasil: a missão francesa na Universidade de São Paulo*. 1991. 281f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

MASSI, Fernanda Peixoto. O nativo e o narrativo: os trópicos de Lévi-Strauss e a África de Michel Leiris. *Novos Estudos*, São Paulo, n. 33, p. 187-198, 1992.

MURARI, Luciana. *Brasil, ficção geográfica: ciência e nacionalidade no país d'Os sertões*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte; Fapemig, 2007.

NICOLAZZI, Fernando Felizardo. *Um estilo de história: a viagem a memória, o ensaio, sobre Casa-grande & senzala e a representação do passado*. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004-2008.

NICOLAZZI, Fernando (2013). Ordem do tempo e escrita da história: considerações sobre o ensaio histórico no Brasil, 1870-1940. *XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia*. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza.

PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. - 2. ed. Jandira, SP: Principis, 2019.

PIGLIA, Ricardo. Sarmiento, escritor. In: SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo: ou civilização e barbárie*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

ROMERO, Sílvio. Discurso de recepção por Sílvio Romero (1906). Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/euclides-da-cunha/discurso-de-recepcao>. Acesso em: 09 abr. 2021.

VENTURA, Roberto. *Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VERÍSSIMO, J. Uma História dos Sertões e da Campanha de Canudos, *Correio da Manhã*, 1903. In: NETTO, H. C. *Juízos críticos: Os sertões: campanha de Canudos*, 1904, p. 22. Disponível digitalmente na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin em: <https://bit.ly/3DusdJJ>.

WILCKEN, Patrick. *Claude Lévi-Strauss: o poeta no laboratório*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

ZILLY, Berthold. Uma construção simbólica da nacionalidade num mundo transnacional. In: *Cadernos da Literatura brasileira: Euclides da Cunha*. Instituto Moreira Salles, no 13 e 14 – Dezembro de 2002.